OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 30 de Maio de 1908 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 | N.º 1059

CHRONICA OCCIDENTAL

A vida está para os gatunos, os *escrocs*, e os burlões de variada especie com quem andamos por ahi aos encontrões—encontrões que elles aproveitam, quanto podem, para nos roubar o alfinete da gravata, a carteira ou o relogio. Que o diga o Sr. Candido de Jesus Nogueira Soares Ferreira, cujo retrato, fardado de ministro e condecorado com uma gran-cruz, o *Diario de Noticias* nos offereceu uma d'estas manhans.

O caso d'este cavalheiro de industria, que conseguiu viver por muitos annos no meio da nossa sociedade como pessoa seriissima, e que por fim se descobre como *escroc* dos mais temiveis, não tem para nós importancia alguma. Trata-se de um espoliador de senhoras endinheiradas, falsificador de coupons e burlador de incautos que lhe confiaram dinheiros. A policia agarrou-o e com ella ajustará elle as contas que nunca deu aos ludibriados crédores. Mas o que tem importancia, seguramente, é a enfiada de considerações que este e outros casos semelhantes, muito frequentes hoje entre nós, sugerem aos espiritos que se entretêm com o buscar a razão de todas as coisas...

Honra e proveito não cabem n'um sacco, diz o proloquio popular, mas a sabedoria das nações nem sempre é infallivel, antes, a proposito do mesmo caso, affirma e nega simultaneamente. Na feira dos annexins encontra-se de tudo e para tudo, como nas boticas, até o espirito da contradição. O diligente poderá tomar por divisa: fia-te na Virgem e não corras; emquanto que o madraço resmungará com os seus botões: não é a quem muito madruga que Deus mais ajuda.

Os proverbios não traduzem verdades absolutas, que não existem ou são rarissimas, mas sim uma filosofia sensata, acomodaticia, que se aplica oportunamente ás diversas circumstancias da vida. Se os proverbios não fossem em muitos casos de collaboração anonima, producto de muitos seculos e de muitas individualidades, poderia a sua redação ser atribuida a Sancho Pança, o prudencial escudeiro de D. Quixote.

Ai de nós que o ditado fosse um juiz impecavel e uma sentença sem apelação nem agravo! Então não haveria ninguem honrado neste mundo, nem se registaria fortuna nenhuma, que não fosse indevidamente adquirida. A celebre frase de Prudhon: a propriedade é um roubo, deixaria de ser um paradoxo para se converter num axioma ou numa definição correntia. Felizmente que não chega a ser regra, e, quando o fosse, seriam numerosissimas as excepções, pois ainda ha muita gente de bem.

Pena é que nem de todos se possa dizer o mesmo e que haja por ahi tanto bufarinheiro, que deita para traz das costas todos os escrupulos, fitos os olhos de judeu na miragem da ganancia. Antigamente, ainda na pseudo-consciencia do onzeneiro e do traficante se refletia o pavor das chammas eternas, e lá procuravam, na hora ultima, resgatar por alguma obra pia a sua culpa; mas hoje, apagou-se de todo a crença na penalidade eterna e na remissão dos peccados.

Diz ainda a sabedoria das nações que a necessidade obriga e que não ha necessitado virtuoso. Assim devia ser e assim se explicaria a maior parte dos crimes, mas o delinquente nem sempre é constrangido pela fatal lei da necessidade. Causa até espanto como nestes ultimos tempos se tenham ido sentar no banco dos réus individuos, que pareciam superiores a toda a suspeita.

Está provado á evidencia que nem a miseria, nem a ignorancia são as causas exclusivamente geradoras dos crimes mais graves e dos delictos comuns. A intelectualidade pervertida é capaz de todas as aberrações, percorrendo a gamma das monstruosidades moraes. Um perconceito fatal exerce ainda um triste predominio, desculpando ou redimindo as graves faltas praticadas pelo homem de genio. Quanto mais elevado é o entendimento, maior é o grau da sua responsabilidade: o talento deve estar em perfeita correspondencia com o caracter, e o desequilibrio entre uma e outra coisa é que produz a terrivel crise, de que está sofrendo a sociedade contemporanea.

A honra e a probidade nem sempre foram consideradas da mesma forma em todos os tempos, por todos os povos; os seus principios fundamentaes não são comuns e inalteraveis, e por isso são tidos como legitimos certos actos e certos procedimentos, que o filosofo e o moralista não podem deixar de condemnar. Assim, os archimilionarios da America, os agenciadores das negociatas gigantescas, não duvidam pôr em acção todos os meios para produzir a alta e a baixa dos generos e dos titulos. Que lhes importa a elles que o fluxo e o refluxo dos valores, nesta alta maré fi-

REVERENDO CONEGO ANTONIO AYRES PACHECO

ORADOR NAS EXEQUIAS OFICIAES DE EL-REI D. CARLOS E PRINCIPE D. LUIS FILIPE

nanceira, ocasione os maiores prejuizos e precipite na desgraça um sem-numero de victimas?

Elles consideram os credulos accionistas como Napoleão considerava o soldado. Tanto para uns como para outros as massas populares são a *chair-à-canon*, que ora se sacrifica nas grandes operações militares, ora nas grandes operações financeiras.

Educa-se de preferencia e quasi exclusivamente o espirito, deixa-se ao abandono a educação do sentimento e do caracter e por isso não admira que a falta de probidade seja tão frequente e tão sensivel nas classes sociaes, que se têm na conta de mais illustradas.

Hoje em dia, dada a proteção que a justiça dispensa aos criminosos de officio, aos assassinos, aos ladrões e aos desordeiros, nada já realmente nos causa pasmo ou sequer surpreza.

O transeunte incauto, pelo caminho que as coisas vão tomando, não está sómente arriscado a ficar sem a carteira, ou o relogio, quando transite num carro electrico: corre tambem o perigo de lhe pôrem as tripas ao sol, ao dobrar uma esquina, ou de ficar sem o melhor dos seus haveres, quando se afasta de casa.

Os garotos das ruas, atirados ao enxurro pelos maus progenitores, que nada querem saber do que seja o seu futuro, começam por se exercitar no tiroteio da pedra e por perderem os botões no jogo da chapa, a que logo se segue um baralho de cartas.

Não ha gatuno, dos que têm largo cadastro na policia que não tenha sido preso a primeira vez aos oito ou dez annos, por atirar pedras. E logo a sua segunda prisão terá sido por furto ou por vadiagem. Nem outra coisa era de esperar do des ditoso petiz a quem metteram num calabouço do Governo Civil, na promiscuidade dos peores vadios e gatunos. Ahi recebem as primeiras lições, e não tardará que vão apurar se no Limoeiro, atirados á escoria de que já não se faz caso.

O pequeno gatuno, a quem ninguem ensinou habitos de trabalho, industriando o antes na arte de empalmar, não quer depois outra vida, porque essa, a par dos perigos da prisão, tem tambem as delicias do viver á barba longa, emquanto o pau vae e vem....

Depois, animados pelas mulheres de quem se fazem amantes, entram logo a ver qual d'elles mais se ha-de distinguir no manejo d'uma navalha ou no golpe d'uma carteira. Constituem como que uma maçonaria, com a sua linguagem propria, os seus habitos sui generis, os seus *trucs* muito especiaes.

As proezas d'este ou d'aquelle rufião são citadas com orgulho profissional, e todos aspiram a ter muitas prisões, a ser temidos pela sua pericia no jogo da faca, a ser falados pêlo seu arrojo nos mosqueiros, a servirem de exemplo aos carteiristas e aos novatos que andam aprendendo o officio.

Começam de tenra edade na pratica do crime e é vel-os, depois da meia noite, por essas tabernas, ou fingindo que vendem cautelas, ou mostrando gravatas, ou pedindo esmola.

Atulham todos os dias os calaboiços do Governo Civil e da Boa Hora; e depois, na cadeia, para onde d'ali os atiram, exercitam-se uns com os outros, traçam planos incriveis de audaciosos roubos.

Os gatunos de hoje são quasi todos de muito tenra edade. O Petiz das Gravatas, que é actualmente o nosso mais habil gatuno de golpe que a policia conhece, apesar do seu grande numero de prisões, tem vinte annos...

Que idade florida e bella
a dos vinte annos! Não é?

Lançada á terra esta semente com tão bons auspicios, imagine se como ella depois fructifica e se expande nos campos lavrados do vicio, onde as tabernas são porta sim porta não, onde os lupanares se abrem em correnteza, onde as casas de jogo, as mais infectas tavolagens, regorgitam d'uma anciosa multidão de viciosos!

A policia é já insufficiente para conter tanto desvario e as proprias leis impotentes já para o castigarem. Todavia, as conquistas da sciencia juridica, registadas dia a dia, representam, em muitos dos seus problemas e dentro da sua feição pratica, interessantes e uteis soluções. Particularmente no capitulo do crime, da sua differente casualidade, agentes, modalidades e effeitos sociaes, e ainda no que respeita ao seu tratamento preventivo e repressivo, não tem limites o imprevisto, progride-se poderosamente. Questão deveras fertil e que para nós tem completa actualidade, é urgente que lhe dêmos applicação pratica.

Comecemos, por exemplo, por estabelecer seriamente o registo e identificação criminal.

Pelos tribunaes transita diariamente a chusma dos delinquentes e ninguem ousará negar a importancia pratica do conhecimento de seus antecedentes criminaes, para o effeito da justiça obter a prompta e esclarecida informação do passado social de taes individuos.

Este assumpto teve a sua mais pratica, simples e curiosa satisfação após as observações conclusivas dos sabios inglezes Galton e Henry.

Na mão se lê a buena dicha, as linhas da palma são a escriptura misteriosa da ventura ou triste desgraça de cada um. Pois na epiderme dos dedos, nos sulcos, linhas e rugosas saliencias das polpas digitaes se nos veiu a deparar o mais natural, constante e infallivel estigma da personalidade, porque mathematicamente se acha demonstrado que na face da terra não existem duas creaturas que apresentem taes impressões digitaes identicas, antes a cada um de nós pertence seu desenho e arranjo de linhas immutavelmente assignaladas desde o sexto mez da vida intra-uterina até á morte, ou antes até á destruição da derme.

Comprehende-se o extraordinario alcance pratico de tal descoberta, que vem revogar quasi por completo o processo de identificação anthropometrica, aliás de fallivel rigor, e que complexa e morosamente se cifrava no registo d'uma serie de medidas e signaes anthropologicos.

O registo criminal em Portugal não tem merecido aos poderes publicos a devida attenção; está-se muito longe de ligar verdadeira importancia ao moderno sistema de identificação criminal e mais longe ainda de lhe dar a correspondente e indispensavel applicação positiva.

Porque não havemos de regular, desde já e devidamente, o serviço de identificação criminal, tão fundamental elemento de informação judiciaria? Pois não é deveras uma triste vergonha que a justiça portuguêsa se ache ainda ingenuamente limitada em suas exigencias identificadoras ao juramento sobre os santos Evangelhos e ás sacramentaes perguntas sobre a naturalidade, filiação e estado civil, e á oral interrogação feita ao reu ácerca dos seus antecedentes criminaes, tão facilmente sujeitos ao ludibrio e á mercê da esperteza do incriminado?

JOÃO PRUDENCIO.

Conego Antonio Ayres Pacheco

De ha muito vem afirmando seus grandes dotes de orador sagrado o rev. Conego Ayres Pacheco digno ornamento da Egreja Lusitana, mas se mais era preciso exaltar-se na tribuna sagrada, mais se elevou agora com a oração funebre que proferio nas exequias oficiaes por alma de El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe, no venerando e glorioso templo dos Jeronimos.

Aqui nos referimos a essa oração funebre, no artigo sobre as exequias publicado em o n.º 1056, e toda a imprensa lhe teceu elogios, porque o ilustre orador, bem fortificado no pulpito com a razão e a consciencia, não duvidou dizer toda a verdade, como manda o sacerdocio de que está investido, e a verdade impõe-se até aos que a não querem ouvir.

Na presença do Rei, da Rainha viuva, da côrte, do ministerio, do corpo diplomatico, dos ministros honorarios, dos politicos, emfim, de todos os partidos, o rev. Conego Ayres Pacheco, falou com aquella lealdade e firmeza dos antigos portuguêses, frisando com a palavra eloquente e bem timbrada os males que de longe e muito longe veem cavando a ruina da patria.

O seu discurso impressionou fundamente o auditorio e a voz potente do orador écoando pelas abobadas seculares do templo, repercutio se de um extremo ao outro do país, como um brado patriotico.

Veio agora a publico a oração funebre, que muito interessa ler, não só como modelo de oratoria, ainda que da palavra á escrita algo perde de seu sabor, mas porque envolve apreciações da historia politica dos ultimos annos, feitas com desassombro raro visto.

E' um filho da Beira Alta quem assim falou, e que lá da aldeia de Vilarouço, onde nasceu, da fidalga estirpe dos Pachecos, soube elevar-se por seus talentos ás altas dignidades da Egreja e mais ainda ás da oratoria sacra.

Estudou teologia no seminario funchalense, onde o chamou o bispo daquella diocese D. Manoel Agostinho Barreto, e ainda estudante, antes de ordenado presbitero, se destinguio como orador sagrado em um sermão que prégou na Sé do Funchal, sobre o *Matrimonio e casamento civil*.

Em 1888 foi nomeado conego da Sé do Funchal e no anno seguinte ali fez o elogio funebre de El-Rei D. Luis, nas exequias que a camara municipal mandou celebrar. O discurso foi mandado imprimir, em edição estimada, pela referida camara.

A fama de orador sagrado acompanhava o rev. Conego Ayres Pacheco, de modo que vindo para Lisboa, principiou a ser convidado para pregar nas grandes solemnidades religiosas, como as de Nossa Senhora dos Martires, da Publicação da Bulla e muitas outras, fazendo tambem o elogio funebre, nas exequias do antigo chefe do partido regenerador, Antonio de Serpa Pimentel, o de Barros Gomes, tambem nas suas exequias.

Prégou no Porto e mais terras do norte, e em Barcellos recitou a oração funebre nas exequias do Papa Leão XIII ali celebradas.

Em 1902 foi provido, por concurso, conego da Sé de Lisboa.

São estas as breves notas biographicas que podémos obter para acompanhar o retrato do ilustre orador sagrado, a quem o governo agora agraciou com a comenda da ordem de S. Tiago, «pelos seus muitos meritos cientificos e literarios».

Bem cabida mercê.

Congresso de instrucção primaria

A Liga Nacional de Instrucção

(Continuado do n.º 1057)

Foi da *Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras* que partiu a idéa da fundação da *Liga*, idéa inspirada, segundo crêmos, na obra admiravel do grande patriota francês — *Jean Macé* — que em 1866 lançou as bases para a organisação da *Ligue de l'Enseignement*, que encontrou o mais caloroso apoio em toda a nação, desenvolvendo-se com tal incremento que em 19 de junho de 1872 o seu fundador, acompanhado de alguns outros defensores do ensino *obrigatorio e gratuito*, apresentou á Assembleia Nacional uma serie de petições cobertas de um milhão e seiscentas mil assignaturas, reclamando urgentemente essa medida de regeneração social.

MANOEL BORGES GRAINHA

Jean Macé apresentou mais tarde uma proposta para que os numerosos nucleos que successivamente se haviam organisado se constituissem em federação sob a designação de *Ligue Française de l'Enseignement*.

Conhecidos os beneficos resultados de semelhante instituição, a Associação dos Jornalistas empreendeu adaptal-a ao nosso paiz, confiando esse encargo ao distincto professor do Lyceu do Carmo — Manuel Borges Grainha — que, numa conferencia realisada na Sociedade de Geographia em janeiro do anno passado, apresentou as *bases para a organisação da Liga Nacional de Instrucção*, as quaes encontraram o mais decidido apoio por parte de todos os amigos da instrucção popular.

O professor M. B. Grainha, que desde ha muito vem travando encarniçada campanha contra os velhos e rélhos methodos seguidos tanto na instrucção primaria como na secundaria e superior, é pois o continuador em Portugal da obra de Jean Macé. Estamos convencidos de que lhe seguirá as pisadas na firmeza de animo e na persistencia necessaria para levar por deante um empreendimento de tanta magnitude. Não lhe faltam para isso intelligencia, boa vontade e acti-

vidade, qualidades estas que o distinguem e mercê das quaes elle consegue triumphar dos innumeros obstaculos e contrariedades que naturalmente surgem quando se pretende romper preconceitos e orientar as multidões no caminho do progresso.

O plano da organisação da Liga Nacional de Instrucção é bastante complexo e de largas vistas como póde vêr-se pela leitura dos tres primeiros artigos dos seus estatutos, a saber:

Artigo 1.º Esta Liga compõe-se de todos os individuos de ambos os sexos, que, independentemente das ideias politicas e religiosas de cada um e sem d'ellas terem de abdicar, desejem promover a instrucção em Portugal, de modo a acabar com o analfabetismo aviltante que nos degrada, a elevar o ensino nacional em todos os ramos e a criar uma verdadeira educação civica e social.

Art. 2.º Os fins d'esta Liga são:

1.º Fazer o cadastro do analfabetismo por localidades, concelhos e districtos, servindo-se para esse fim de nucleos concelhios e districtaes, tratando de averiguar:

a) O numero de creanças em edade escolar que não vão á escola;

b) Quaes os motivos d'essa ausencia;

c) Qual o proveito ou deficiencia das escolas existentes;

d) Quaes os motivos d'esses resultados;

e) Se ha necessidade de novas escolas;

f) Quaes os meios concernentes á sua criação;

g) Qual o estado dos adultos das localidades com respeito ao analfabetismo;

h) Quaes os meios existentes para o debelar, seus resultados e processos que se possam empregar para obter esse desideratum;

i) Quaes as especies de escolas que se devem criar ou fomentar nas diversas localidades e qual o espirito pedagogico que deve predominar em cada uma: agricola, industrial, profissional, commercial, maritimo, colonial, etc.

2.º Promover, segundo as necessidades locaes, subsidios de roupa e alimento ás crianças pobres para que possam frequentar a escola com proveito.

3.º Providenciar de maneira que se obtenha bom professorado primario, masculino e feminino, para as escolas fundadas ou auxiliadas pela Liga com conhecimentos de utilidade pratica e de trabalhos manuaes que estão hoje em uso nas escolas primarias de todas as nações adeantadas e que são o meio seguro de educar um povo trabalhador, economico, consciente e livre.

4.º Criar escolas primarias modelos para os dois sexos: umas para pensionistas de familias abastadas e outras gratuitas para filhos de gente pobre a quem se deve ministrar ensino muito pratico e adequado ás diversas condições da vida real.

5.º Estabelecer collegios modelos de instrucção secundaria, masculinos e muito principalmente femininos, para pensionistas, segundo o systema suisso e d'outras nações cultas e educadoras, onde, a par de diversos conhecimentos literarios, scientificos e artisticos, se ensinem os trabalhos domesticos, noções commerciaes e elementos de hygiene e medicina caseira.

6.º Criar estabelecimentos de artes e officios, de ensino gratuito, para a mocidade pobre, masculina e feminina, segundos os systemas da *Humanitaria* de Milão e da *Ons Huis* (Nossa Casa) de Amsterdam.

7.º Promover o desenvolvimento das chamadas Universidades Populares. formando um nucleo de conferentes que possam tratar proficua e agradavelmente por meio de projecções luminosas os assumptos que mais uteis sejam ás diversas associações populares que reclamem os ensinamentos da Liga.

8.º Promover o desenvolvimento de bibliothecas populares em que abundem livros de utilidade de todos os generos, procurando mesmo para esse effeito a composição ou traducção de livros adaptados a esse intuito.

9.º Promover a criação de laboratorios de demonstrações scientificas, de gabinetes de physica para estudo das varias escolas, de monstruarios e museus industriaes, agricolas e coloniaes para utilidade das classes trabalhadoras e commerciaes.

10.º Representar perante os poderes publicos sobre todos os pontos que a Liga entenda serem uteis ao progresso da instrucção em Portugal.

Art. 3.º Esta Liga terá a fórma federativa, compondo-se de todas as associações de instrucção já existentes que queiram adherir a este plano e de quaesquer outras que se venham a constituir ou por iniciativa local ou promovidas pela Liga nas localidades onde mais necessarias se tornam e possam ter vida.

§ 1.º Essas associações serão como nucleos autonomos ligados ao central de Lisboa apenas com intuito directivo e auxilio pedagogico e pecuniario.

§ 2.º Essas associações ou nucleos locaes far-se-hão representar por delegados nos congressos annuaes e nas reuniões maximas especiaes que a Liga determine fazer para união e progresso dos seus empreendimentos.

Dr. Trindade Coelho

Lançadas as bases para a organisação da Liga, a idéa é immediatamente posta em pratica, surgindo logo um grupo de adeptos cheios de enthusiasmo pela propaganda tão brilhantemente iniciada, grupo constituido de professores, jornalistas e outros amigos da instrucção, d'entre os quaes merece especial destaque o dr. Trindade Coelho, figura primacial no fôro, na imprensa e muito especialmente na litteratura, que elle tem enriquecido com numerosos trabalhos de grande alcance social e civico, como, entre outros, o *Manual Politico do Cidadão Portugues*, que representa, além de paciente labor, esclarecida intelligencia e acendrado amor patriotico.

(Continúa.) J. A. Macedo de Oliveira.

As manifestações Monarquicas

Visita de Sua Magestade El-Rei á Escola do Exercito

A primeira visita oficial que El-Rei D. Manoel fez, foi, na quinta feira 14 do corrente, á Escola do Exercito, recebido pelo sr. ministro da guerra, general comandante da divisão, general sr. Pimentel Pinto, comandante da Escola, e corpo docente de oficiaes.

El-Rei, acompanhado por Sua Alteza Infante D. Afonso e coronel sr. Antonio Costa, chegou pelas 3 horas, aguardando o enthusiastica recepção tanto dos oficiaes e alumnos da Escola, como de todos os convidados e povo, que em grande quantidade afluio ás imediações do edificio, para vêr e áclamar o novo rei.

Era o dia do encerramento dos cursos do anno lectivo e o das provas finaes de exercicios, que constitue a festa annual da Escola.

Não perdeu El-Rei ensejo de, em resposta a alocução do comandante da Escola, declarar quanto se interessava pelo primeiro estabelecimento de ensino militar do país, felicitando os lentes e os alumnos que tinha por amigos, e quanto era seu ardente desejo cooperar com todos os portuguêses para os progressos da patria.

As palavras de El-Rei foram cebertas de aplausos, que mais aumentaram quando Sua Magestade se dirigiu para o picadeiro afim de assistir aos exercicios de cavalaria compreendendo varias evoluções, trotes, galopes, saltos á vara, de obstaculos e volteios, e que tudo foi executado a primor, despertando grandes aplausos.

Quando terminaram as provas, El-Rei retirou da Escola satisfeito, por entre as ovações de toda a assistencia, e muitas senhoras que lhe lançaram flôres á passagem, em carinhosas demonstrações de simpatia, que o povo cá fóra secundou com tanto ou maior entusiasmo.

Assim, em cada dia vae sendo aclamado o joven Rei, cuja figura simpatica e insinuante, naturalmente se impõe ao respeito e consideração do po vo português.

A manifestação da cidade do Porto em Lisboa

Era de esperar que a Cidade Invicta não ficaria silenciosa no actual momento, e manifestasse, como fez, da forma mais eloquente, a firmeza dos seus principios monarquicos, vindo á côrte, representada por uma grande comissão de portuenses dos mais distinctos em todas as classes sociaes, saudar o novo Rei e apresentar-lhe os seus protestos de adesão á monarquia e á liberdade da patria para que tanto concorreu com o esforço do seu heroismo, que lhe valeu a distinção da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, que cinge seu brazão de armas.

A grande comissão, á frente da qual veio como presidente o venerando conde de Samodães, partiu do Porto, no domingo 17 do corrente, em comboio expresso que chegou á estação do rocio pelas 2 horas da tarde.

Na sua viagem do Porto até Lisboa, foi calorosamente saudada pelo povo, desde a partida e nas povoações em que o comboio mais proximo passou, principalmente em Coimbra, onde teve uma curta paragem, os estudantes vieram saudar a grande comissão com vivas e palmas calorosamente correspondidos.

O sr. conde de Samodães, agradecendo, disse aos estudantes:

— Ha sessenta annos tambem eu aqui estava como estudante. Agora estou velho; mas ainda tenho força para gritar: Viva a familia real! Viva a patria!

Estes vivas foram ruidosamente aclamados pela academia.

Não foi menor o entusiasmo que aguardava os portuenses na sua chegada á estação do Rocio, onde alguns milhares de pessoas os aguardavam e romperam em carinhosas saudações quando o comboio apareceu á bôca do tunel, ofegante da viagem feita em 6 horas de marcha. Essas saudações repetiram-se na praça de D. Pedro e por quasi todo o caminho até ao Paço, para onde a comissão se dirigiu em automoveis e cerca de 150 trens.

A comissão chegou ao Paço ás 3 horas da tarde e entrando na sala dos archeiros, onde os comissionados foram inscrevendo seus nomes nos livros de registro, o que levou cerca de uma hora, passaram a outras salas, sendo recebidos por El-Rei e pela Rainha e Infante na galaria do palacio, por ser maior espaço para conter mais de 500 pessoas, tantos eram os membros da comissão.

A recepção foi cordeal, quasi que em familia, isenta de toda a pragmatica, pois logo que El-Rei apareceu, romperam os vivas com manifesto entusiasmo por parte dos comissionados prolongando-se por algum tempo.

Passado este primeiro momento, o sr. conde de Samodães, pedindo venia a El-Rei, leu a mensagem de saudação, acabando por levantar vivas a toda a familia real e á patria.

El-Rei, comovido com a carinhosa manifestação, respondeu com firmesa:

— Agradeço-vos a manifestação que acabaes de fazer-me e á familia real. Agradeço á cidade do Porto mais esta prova de simpatia pela monarquia e prometo visital-a tão depressa quanto me seja possivel.

As palavras do monarca foram recebidas com calorosos aplausos que por longo tempo se repetiram com extraordinario entusiasmo.

A Rainha, agradecendo ao sr. conde de Samodães, disse:

— El-Rei irá ao Porto logo que possa e espero que seja bem recebido.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel á Escola do Exercito

Chegada de El-Rei á Escola do Exercito

(Cliché A. Lima)

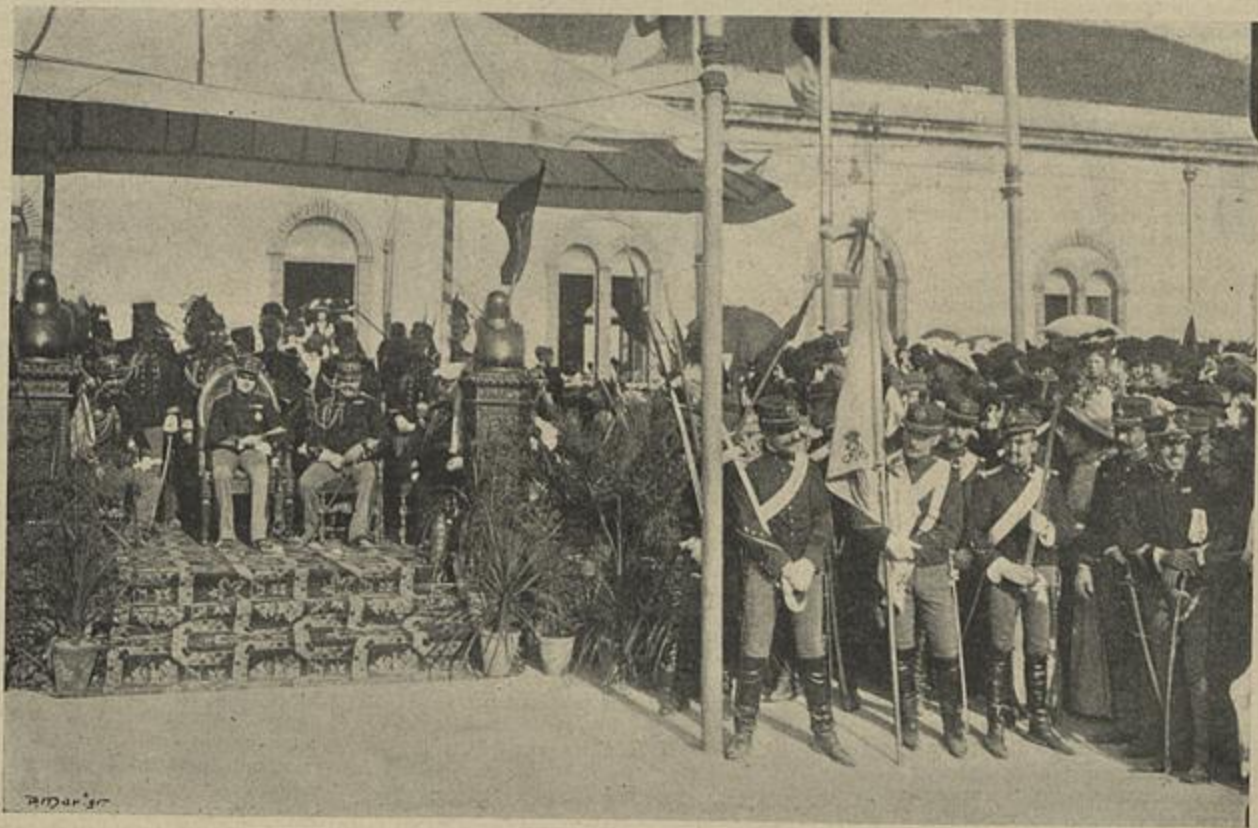
A manifestação dos estudantes de Coimbra

Com poucos dias de intervalo das manifestações a que nos referimos, veio a dos estudantes de Coimbra, que chegaram a Lisboa no dia 27 do corrente em comboio expresso, que conduziu cerca de 500 academicos.

Esse punhado de rapazes em que floresce a mocidade com todas as suas alegrias e esperanças, veio saudar o monarca, joven como elles, e que é tambem uma esperança da patria, num provir mais venturoso. Lisboa viu passar nas suas ruas essa mocidade alegre, de cabeça descoberta, beijada pelo vivo sol de um dia de primavera, e sobre que cahiam flôres lançadas das janelas por senhoras a quem os estudantes agradeciam calorosamente.

As notas discordantes que houve não conseguiram esmorecer o entusiasmo da recepção, nem entebiar sequer o proposito dos estudantes, na plena liberdade de manifestarem a sua simpatia ao joven monarca e ás instituições que elle representa.

Assim foram afetuosamente recebidos por El-Rei, a quem o estudante sr. Luis Baldaque Guimarães, em nome dos seus condiscipulos, leu a seguinte mensagem tão digna e levantada na fórma quanto carinhosa:

«*Senhor!* — Os sentimentos que animaram os estudantes da Universidade a manifestar-Vos, por

S. M. El-Rei e S. A. Infante D. Affonso assistindo aos exercicios

(Cliché Benoliel)

— Póde Vossa Magestade ter a certesa de que ha-de sel-o.

As senhoras do Porto offereceram a Sua Magestade a Rainha um formoso ramilhete de cravos e avenca, preso por fitas de seda azul e branca, e que foi entregue pelo sr. Antonio de Lemos.

El-Rei, a Rainha e Infante D. Affonso falaram durante a recepção a grande parte dos manifestantes á maneira que lhes eram apresentados pelo sr. conde de Samodães, tendo para todos palavras de agradecimento.

Emquanto nas salas do Paço se passava o que acabamos de relatar, o povo que estacionara no largo das Necessidades, aclamava tambem o Rei com vivo entusiasmo, tornando-se mais calorosa a manifestação quando a grande comissão sahiu, vindo então El-Rei a uma das janellas agradecer e, fazendo sinal para que todos se acalmassem, levantou um viva á cidade do Porto, que foi correspondido por toda a multidão com verdadeiro dilirio.

A maior parte da comissão retirou para o Porto naquelle mesmo dia, levando seguramente gratas recordações da recepção que teve no Paço e do povo de Lisboa, que verdadeiramente fraternisou com os representantes da segunda capital do reino.

Exercicios de Saltos — *(Cliché A. Lima)*

A manifestação monarquica da cidade do Porto em Lisboa

CONDE DE SAMODÃES
PRESIDENTE DA COMMISSÃO PORTUENSE

ALGUNS MEMBROS DA COMMISSÃO PORTUENSE

EL-REI, NA JANELLA DO PAÇO AGRADECENDO AS MANIFESTAÇÕES

telegramma, no dia da Vossa acclamação, franca e sinceramente as suas arreigadas convicções monarchicas — desejando-Vos um longo e glorioso reinado — são os mesmos que hoje, os trazem perante Vossa Magestade, suprema incarnação na nossa querida Patria, a dizer —, com uma inabalavel fé, com uma profunda convicção, fé e convicção nascidas não d'um vago idealismo, mas sim firmadas no nosso acrisolado amor patrio, — que os estudantes da Universidade são amigos do seu Rei.

Assim o affirmamos n'este grande momento, n'esta hora solemne, perante Vossa Magestade e a Nação que nos escuta.

Senhor! — Estamos aqui em plena affirmação dos nossos ideaes: como homens, exercendo o nosso direito, como cidadãos, cumprindo nosso dever.

Mas, se é dever nosso, consolidar cada vez mais o throno que Vossa Magestade dignifica, é dever tambem do Rei cumprir para com os seus subditos as obrigações do principado. Isto para que o povo, sinceramente, grite — Viva El Rei!

E todos hoje, de bom grado, assim o repetimos porque Vossa Magestade é para nós a personificação das instituições politicas que nos asseguram liberdade e ordem, e pelas quaes nos sen-

AS MANIFESTAÇÕES EM FRENTE DO PAÇO DAS NECESSIDADES

(Clichés Benoliel

As manifestações dos Estudantes de Coimbra

El-Rei D. Manuel e Rainha D. Amelia, á janella do Paço levantando vivas á Academia e á patria

timos encorajados para affrontar os perigos que Vos ameacem.

Senhor! – No amor do povo é que se sustenta a Magestade dos Reis e é no resultado benefico das suas acções que se baseia a duração das monarchias. Sendo assim, é util, é necessario que o reinado de Vossa Magestade seja o modelo d'um constitucionalismo impeccavel, de maneira a dissuadir os illudidos de experimentar outros regimens. E tudo nos faz acreditar que é esta a ideia que inspira Vossa Magestade, como Supremo Magistrado da Nação.

Ha quatro mezes que sobre os hombros de Vossa Magestade pesam os arminhos da realeza, depois d'esse repugnante attentado que, roubando-Vos Pae e Irmão, arrancou á nação e a todo o mundo civilisado gritos de condemnação e revolta. E durante este curto espaço de tempo, Tendes recebido de todo o paiz sinceros protestos de lealdade e fé monarchica que salientam a Vossa Individualidade, de Rei Bom e Constitucional. Prova evidente de que tendes governado bem e de que todos, todos confiam na acção prudente e energica do Moço Rei que, tão condignamente, preside aos destinos da nossa querida Patria.

E, por nossa vez, Senhor, aqui estamos tambem, orgulhosos da nossa lealdade, fazendo sinceros votos para que o Vosso Reinado, sahido das negruras d'um grande abysmo, tenha os fulgores d'um grande throno.»

Esta mensagem contem 512 assignaturas.

El-Rei agradeceu e disse que muito o penhorava aquella manifesfação e della conservaria grata lembrança por partir de estudantes como elle, e como todos eram rapazes, pedia que todos unidos trabalhassem pelo engrandecimento da patria.

As palavras de El-Rei foram acolhidas com calorosos aplausos, sendo em seguida apresentados os estudantes a Sua Magestade, cada um por sua vez, pelos lentes que os acompanharam, das diferentes faculdades, srs. drs. Costa Allemão, Oliveira Guimarães, Alberto dos Reis, Almeida Garrett e Sousa Gomes

Quando os estudantes retiraram vieram para o largo das Necessidades juntar as suas aclamações ás do povo que ali os ficára esperando.

El-Rei e a Rainha vieram então a uma das janélas do Paço agradecer e as manifestações subiram de entusiasmo, quando o Senhor D. Manoel levantou um viva á Universidade de Coimbra.

Não cessavam, porém, de aclamar El-Rei, até que voltando outra vez á janéla, levantou vivas á Academia e á Patria, que foram ruidosamente correspondidos pelo povo com vivas á monarquia liberal e democratica, á familia real e á patria.

Os estudantes, nessa noite, assistiram á recita no teatro D. Amelia, que decorreu animadissima, por entre manifestações patrioticas e aplausos dos espectadores aos discursos improvisados de alguns academicos.

No comboio da 1 hora da noite regressou a Coimbra a maior parte dos estudantes.

As manifestações dos Estudantes em frente do Paço

(Clichés A. Lima)

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

de

OUIDA

(Continuado do n.º 1058)

II

Veiu e foi-se o inverno, cobrindo Veneza com os seus nevoeiros, trazendo as aves marinhas para os canaes interiores, fazendo os pombos quedar empapuçados e tristes nos parapeitos dos palacios, deixando muito gondoleiro desempregado a aquecer as mãos sobre fracos lumes de troncos de arvores desprezados, sob os barrotes salpicados de neve e as vides nuas do seu traghetto. Eram mais afortunados os gondoleiros da Ca'Zaranegra; podiam assentar-se em volta do grande brazeiro de bronze no vestibulo do palacio de sua ama. A gondola estava recolhida, suspensa e enxuta, aguardando a primavera. Os salarios dos gondoleiros eram regular e liberalmente pagos pelo silencioso e austero mordomo, que imperava no palacio abandonado, porque a dona da casa estava longe em praias mais temperadas do que as paredes de mar da sua cidade, batidas do vento, affogadas em ondas.

O inverno foi rigoroso; a neve cobriu por muito tempo os montes da Istria e as veigas de Padua; havia neve na armação dos brigues gregos fundeados na Giudecca, e os enormes vapores que navegam para o oriente pareciam extranhos animaes prehistoricos, negros e gigantescos, quando se enxergavam atravez do nevoeiro, singrando lentamente para as docas, sob a direcção de pilotos cautelosos. Não faltava nos theatros alegria e calor, e de alguns palacios coavam sons de musica; mas no caes, no bairro dos pescadores, nas ilhas, a bordo das pequenas embarcações de véla e entre a população maritima geralmente, havia muito padecimento e muita necessidade, e junto da barra de Malomocco e ao largo da costa de Chioggia houve naufragios que juncaram as aguas de vigas quebradas, e arremessaram como algas ou sargaço marinheiros que se afogavam de encontro aos postes de madeira. Mas o fragil collar de opalas da condesssa Zaranegra estava seguro no meio da tempestade; tinha cahido n'um buraco de um poste submergido e alli estava, incolume, emquanto por cima d'elle as correntes tempestuosas se levantavam e cahiam, e os ventos batiam a nata da resaca. Alli esteve, durante todo o tempo da aspera invernia, ao passo que as gaivotas brancas morriam de fome, e as andorinhas eram arremessadas pelo furacão de encontro aos vidros dos faroes e ao costado dos navios.

Resistiu a muitas tormentas essa fraca bagatella, feita para estar no seio quente das mulheres, emquanto a tempestade despenhava na morte os ganha-pães, por quem a mulher e os filhos debalde resavam em terra, e os ousados marinheiros para os quaes o abysmo não tivera terrores.

Na concavidade do velho poste de carvalho as opalas passaram todo o tempo do inverno, como ovos de uma ave em seu ninho, emquanto as aguas irrequietas volteavam por cima do seu santuario. O gasto cepo de madeira havia por espaço de seculos conservado o seu logar, e muitos cadaveres lhe tinham passado por deante em direcção ao mar, nos dias em que os brancos marmores da cidade de S. Marcos se haviam tingido de sangue. Servira outrora de base a um nicho do mar, a uma Madonna das aguas, a quem os barqueiros ao passar tinham invocado a Stella Maris Virginis, tão querida dos pescadores e marinheiros.

Mas havia já muito tempo que desapparecera o nicho pintado, e só o velho pedaço de madeira, sepultado sob as aguas, apodrecido na areia entre as algas e o mexilhão, tinha podido resistir á força da corrente e da tempestade.

Durante todo o inverno o velho madeiro guardou as opalas a bom recato. Quando passou o frio e abrandaram as rajadas dos Alpes, e os pomares das ilhas que dão fructa se cobriram de flor, lá estavam ainda as opalas no seu buraco, abrigadas do mar pela inclinação do madeiro

que as cobria de sorte que, embora molhadas muitas vezes, nunca foram levadas para fóra. Porém, um dia, quando por sua vez estavam em flor o pecegueiro, a parreira e a ameixoeira, e os bandos de gaivotas, que tinham sobrevivido ao rigor da fome e dos frios, voltaram aos seus comedouros nas lagunas exteriores, uma grande embarcação de ferro procedente do Mar Negro bateu de passagem com violencia no velho poste de carvalho, cujo topo, com a força da pancada, se partiu e cahiu para a banda. O collar, arrebatado do seu esconderijo, e, levado pelo torvelinho da esteira do vapor, foi boiando para mais proximo da cidade, e mais distante das ilhas. Envolveu-se com algumas algas, e, embalado sobre as hervas como n'uma pequena jangada, foi levado, d'uma banda para a outra, por um vento forte que soprava do nordeste, e d'este modo passou para além de San Cristoforo e Burano, até ir finalmente parar a terra dentro das altas hervas e cannos que ficam por baixo da ponte do Diabo em Torcello.

(Continúa.)

ALBERTO TELLES.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIV

(Continuado do n.º 1058)

Foi D. Rodrigo de Noronha e sua mulher D. Maria Antonia Soares que começaram escortanhando a extensa propriedade, aforando a a particulares que iam edificando e arruando os seus predios pelo ambito da quinta.

Em 1765, por exemplo, foi aforada ao conselheiro da fazenda José Francisco da Cruz Alagôa, uma porção de terreno, onde elle construiu *dez moradinhas de casas* para instalação de Teares, junto do seu palacio, a S. Mamede (1).

D. Rodrigo Antonio de Mello, continuou negociando as terras do mesmo modo, por mão do seu administrador, o mestre de obras Antonio Rodrigues Gil, que, á sua conta, foi construindo tambem em toda a orla da quinta, á beira da estrada que ia de S. Bento para o Rato.

A pouco e pouco foram se aquelles terrenos povoando de casas. Onde havia um caminho de *pé posto* desenhava-se uma travessa; onde existia uma serventia traçava-se uma rua.

O extravasamento da população lisboeta fóra da velha area da cidade, deu em resultado o crescimento rapido do novo bairro a que o povo chamou o Pombal, em memoria do anexo do solar. A duas serventias mais proximas ficou tambem vinculado o nome de um dos senhores da quinta. A *travessa* e a *rua do Noronha* lá estão hoje comemorando aquelle D. Rodrigo destruidor da propriedade rustica do André Soares (2).

A aglomeração dos predios pouco deixa conjecturar o que fosse ella. Só a fantasia conseguiria alguma coisa e essa pode alá-la o leitor tão bem ou melhor do que eu.

Passemos pois a falar do solar propriamente dito.

* * *

Da primitiva edificação, de que se fala na instituição do morgado, pouco ou nada se poderá dizer. E' de supôr fosse bem rustica essa moradia, talvez pousada de verão do fidalgo que demorava ao pé do convento da Trindade. Posteriores obras e restauros tornáram quiçá senhoril a arredia edificação, ao passo que o alargamento da capital a ia aproximando do bulicio e do movimento cidadão. No principio do seculo XVIII já ahi moravam os senhores e é dessa data que provêm naturalmente as obras e os melhoramentos internos mais sensiveis.

«Hoje», diz o sr. Visconde de Castilho, «e ha já «muitos annos é dificilimo perceber ali as gran«dezas de uma vivenda senhoril, a não ser por «fora. Por dentro desapareceram os salões, ras«gados em longas galerias para a composição ty«pographica; e os anexos que as exigencias in«dustriaes ali foram implantando, acabaram de «mascarar esta nobilissima residencia dos morga«dos da Cotovia.»

O mesmo autor continua: «Formava, e forma «ainda, o edificio um vasto paralelogramo, cor«tado de dois pateos no eixo maior, comunicados «por uma passagem. O segundo, o interior, o do «norte, acha-se obstruido de oficinas. O primeiro, «o do sul, era o nobre, onde as carruagens entra«vam e davam volta. A' direita subia a escadaria «em dois lanços sucessivos; ella, e os belos azu«lejos ainda conservados em muita parte da casa, «são os derradeiros padrões da sumida grandeza «de outr'ora.» (1)

Se houvesse muitos livros, como a *Lisboa Antiga*, recheados de boas noticias, esta vida de salteador de obras alheias não seria tão árdua! De roubos vivemos para que um dia, praza a Deus, sejamos tambem roubados.

* * *

Nesta nobre residencia albergou-se, hospede do Conde de Odemira, D. Francisco de Faro, o infeliz infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV. Foi isso em outubro de 1638. Francisco Soares, sogro do conde, emprestou amavelmente a casa ao principe foragido.

Se o leitor quiser provas desta hospedagem e noticias della, consulte a já muito citada *Lisboa Antiga*. A paginas 50 e seguintes do volume 5.º lá encontrará tudo.

* * *

Outro hospede notavel do solar, poucos annos depois, mas esse por diversissimos motivos, foi Domingos Leite Pereira, o regicida.

Sobre essa personagem e sobre o facto capital da sua vida tenho muitas e interessantes noticias, que aqui não tem cabimento, e que algum dia verão a luz. Tudo isso anda muito adulterado. Camillo ao escrever um dos seus muitos romances, de que o fez heroi, se inriqueceu mais uma vez a literatura nacional, prejudicou gravemeete a historia. A seu tempo tratarei, como devo, tão curioso assumpto.

Por agora vamos ao que nos importa mais de perto.

Quando Roque da Cunha, o amigo traidor de Domingos Leite, denunciou a el-rei, á saida de S. Roque, as tentativas de regicidio do seu companheiro, foram logo expedidas ordens terminantes de prisão; e el-rei nomeou a Luis da Silva Telles, futuro almirante da armada real do Brasil, Rui Fernandes de Carvalho, filho bastardo de Alvaro de Carvalho, e a D. Francisco de Faro, para o perseguirem e prenderem, por serem todos homens de grandes forças e bastantemente corajosos.

Belamente se desempenharam dessa dificil missão. Domingos Leite Pereira foi preso nesse mesmo dia (31 de julho de 1647) na Povoa de S. Martinho onde se achava escondido. Logo a seguir, sem oferecer a resistencia que os musculos dos tres fidalgos esperavam, veio custodiado para Lisboa onde o encerraram, nada mais nada menos, do que na casa do Faro, á Cotovia.

Ahi se lhes fizeram os primeiros interrogatorios.

Pouco depois deixava a hospedagem do Conde de Odemira, para ser justiçado.

Roque da Cunha, como não lhe dessem as mercês a que se julgava com direito pelos seus serviços, contentou-se em roubar o gibão do amigo, menos mal recheado de oiro.

Domingos Leite foi enforcado e expirou com os olhos fitos nas mãos que lhe haviam cortado e estavam penduradas na fôrca. Em seguida uma fogueira lhe consumiu o tronco e os membros. A cabeça, como desafio, levou-a o algoz para a fronteira do Alemtejo e foi collocada num poste defrontando as terras castelhanas (2).

* * *

Agora para concluir o assumpto, e como fêcho á crónica fidalga do edificio: Em 1768, D. Rodrigo de Mello, com mira n'um bom negocio, alugou ao estado a casa de seus avós.

Para quê? é o que vamos saber no capitulo que se segue.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) A casa de moradia do pae do autor, na rua do Arco, n.º 75, ainda ficava dentro da quinta. Paga fôro a casa de Murça.
(2) *Lisboa Antiga* de Julio de Castilho, Pag. 61, Vol. 5.º

(1) Idem, Pag. 61 e 62, idem.
(2) Ms. da Bibliotheca da Ajuda — 50-V-3 — Pag. 24 a 26.

Os partidos que se partem e repartem — *Bosquéjo patriótico* — por V. de S. de F. — Lisboa — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — 5, Largo de Camões, 6 — 1908. — Publicado por esta antiga e conceituada casa editora acaba de ser lançado ao mercado um *bosquejo patriótico* constituido por 64 paginas dedicadas — *Aos descontentes que em sua alma patriótica e não partidaria, lamentam, abominam e condenam as misérias, desvarios, vicios e demasías da politica portuguêsa* — pelo auctor que — sendo um escriptor de larga envergadura e de penna afeita a trabalhos litterarios de reconhecido merito — se acoberta pelas iniciaes não do seu nome, mas do seu titulo nobiliarchico.

Servindo-se do velho proverbio latino — sub-entendido no seu derradeiro trabalho — *ridendo castigat mores* — vae o sr. V. de S. de F. analisando a nossa politica moderna com um desassombro pouco vulgar, pois que, não lhe agradando nenhum dos partidos existentes, de todos fala superficialmente, demorando-se mais no estudo dos rotativos.

Como principía o seu bosquejo patriótico por uma violenta ferroada á imprensa jornalistica, visando de preferencia um determinado periodico — cujo titulo não aponta, mas que é de todos conhecido como um dos de maior circulação — não admira que a imprensa não haja feito grandes referencias a esse livrinho, e tanto que um dos jornaes naturalmente indicados deu hoje uma ligeirissima noticia transcrevendo a dedicatoria que acima fica exarada e pouco mais...

As durezas de phrase de que o auctor — a quem conheço e cujas qualidades de caracter aprecio — só ferem quem se sinta ferído, pois são justas.

Quando se refere ao empregado publico, tudo o que diz é, infelizmente, bem verdadeiro, e estou de pleno accôrdo com a sua auctorizada e insuspeita opinião. A pécha a que allude é pécha antiga e tanto que — para findar esta modesta referencia — vou citar-lhe uma phrase que decerto conhece.

Um escriptor notabilissimo era empregado superior de uma repartição do Estado e — como quasi todos os empregados publicos — ... brilhava pela sua ausencia. Comtudo dizia: *Eu nunca falto á minha repartição!* E effectivamente nunca faltava... no fim do mez para receber os seus honorarios!

Ora, se esse grande escriptor dava o exemplo, porque não se deve permittir que os outros o sigam n'essa esteira?

E' palpitante de actualidade este livro cujas paginas se lêem d'um folego e com agrado, tal a maneira levemente ironica como é escripto.

Aconselhando a leitura d'estas substanciosas 64 paginas, agradeço em nome do meu presado amigo Caetano Alberto — o diligente director d'esta revista — e no meu, a gentileza de Alvaro Neves — bom rapaz e bom amigo — em ter-nos brindado — pela casa editora — com dois exemplares d'*Os partidos que se partem e repartem.*

XI-IV-CMVII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Governo da provincia de Cabo Verde. — *Revista Official da Missão Agronomica a Cabo Verde.* — N.º 1. — Janeiro, 1908. — Praia. — Imprensa Nacional.

Esta publicação, destinada a promover o desenvolvimento da provincia caboverdiana, é dirigida por Mario Miller Pinto de Lemos, agronomo chefe da Missão, Alfredo M. da Costa e Andrade, agricultor diplomado, e Francisco Pereira da Cunha Capitão, tambem agricultor diplomado.

O sumario d'este primeiro numero, que temos presente, além d'uma apresentação firmada pelo sr. Miller insere mais os seguintes artigos, de provada utilidade pratica:

Apontamentos para o estudo da economia rural de Cabo Verde. — Missão de estudo ao Instituto Botanico de Buitenzorg (Java). — Subsidios para o estudo da meteorologia em Cabo Verde. — Considerações geraes sobre a laranjeira. — Canna de assucar (Memoria publicada pelo 1.º Congresso Colonial Nacional da Sociedade de Geographia de Lisboa). — *Notas agricolo-commerciaes.*

A Nacional. — *Companhia Portugueza de Seguros de Vida. — 2.º Exercicio. — 1907.*

— *Relatorio do Conselho de Administração.* — *Parecer do Conselho Fiscal.* — *Relatorio do Director.* — *Relatorio do Medico Chefe* — *Lista dos accionistas.* — Lisboa. — Typographia Casa Portugueza. — 1908.

Os documentos indicados formam um folheto de 70 paginas e mostram que o estado da companhia de seguros alludida é prospero.

Jardim Zoologico e de Acclimação em Portugal. — *Sociedade anonyma de responsabilidade limitada* — *Relatorio da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal*, para serem presentes á assembléa geral ordinaria de 1908. — Lisboa. — Typographia Casa Portugueza. — 1908.

Está minuciosamente elaborado o relatorio em questão, mas, verdade, verdade com um subsidio municipal de seis contos de réis annuaes parece-nos que a instituição deveria corresponder melhor á sua elevada missão educativa e de sciencia pratica; entretanto, não ousamos fazer accusações.

Vianna da Motta

Os dois concertos realisados ultimamente no theatro D. Maria por este notabilissimo artista, vieram provar á evidencia o alto apreço que o nosso publico professa pelas raras qualidades artisticas d'este seu compatriota.

A concorrencia numerosissima que se notou nas duas audições a ponto de se terem esgotado os bilhetes com uma rapidez pasmosa, é perfeitamente um caso virgem no nosso acanhado meio musical, e estamos certos que só Vianna da Motta seria capaz de realisár um tal milagre.

Mas se considerarmos que Vianna da Motta é altamente cotado em Berlim, um dos centros musicaes mais notaveis, e que gosa ali a fama não só d'um grande pianista como notavel interprete de Bach, conclue-se que o nosso publico fez a sua obrigação concorrendo em grande numero a victoriar o celebre artista português.

Nos programmas d'estes concertos que ficarão memoraveis por largo tempo, figuravam obras de Beethoven, Bach, Schumann, Liszt, Chopin, Chabrier, Saint-Saëns, e composições de Vianna da Motta.

A maravilhosa technica de Vianna da Motta, a comprehensão nitida do estylo de todos os auctores, quer classicos, quer modernos; o vigoroso rythmo que conserva em todas as obras, e o sentimento sobrio que lhes imprime; são factores mais que sufficientes para que a execução dos dois programmas fosse verdadeiramente primorosa.

Vianna da Motta prometteu voltar para o anno e realisar uma serie de concertos, o que é uma noticia que necessariamente deverá ser acolhida com enthusiasmo por todos os amadores de boa musica.

VIANNA DA MOTA
(De Fotografia)